



NOTAS SOBRE O DESPERDÍCIO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DO TEMPO NA CONTEMPORANEIDADE

Lara Ovídio

Tempo tédio espera
arte contemporânea

Este artigo investiga o uso do tédio e da espera na arte contemporânea como possibilidades de resistência a um tempo acelerado, homogêneo e vazio. A discussão das obras e ideias abordadas se constrói por meio de fragmentos que desejam resistir ao imperativo de eficiência do tempo que questionam.

Em alguma medida, os pensamentos discutidos aqui se desdobram do meu primeiro encontro com Reinhart Koselleck, quando entendi que o tempo não se acelerava unicamente para mim, mas que essa seria uma condição da época em que vivo. A busca que empreendo se pauta pelo desejo de encontrar caminhos para corromper esse movimento de aceleração, e pesquisa em textos e imagens. O tédio aparece como a possibilidade de experimentar o excesso. On Kawara. Ao lado do tédio, quase sempre a espera. Teching Shieh. Boris Groys atualiza a questão nas artes com base do tempo: apresenta a repetição como uma possibilidade de subverter a experiência de um tempo contínuo e homogêneo. Perder tempo vai-se revelando como uma forma de resistência. A argumentação se constrói em fragmentos que não desejam servir à eficiência do tempo em que vivo, resistem e convidam ao desperdício.

NOTES ON WASTE: AN INVESTIGATION INTO THE EXPERIENCE OF TIME IN THE CONTEMPORANEITY | *This paper investigates the use of boredom and wait, in contemporary art, as possibilities of resistance to an accelerated, homogeneous and empty time. The discussion of the works and ideas addressed here is built around fragments that wish to resist the imperative of time efficiency. | Time, boredom, wait, contemporary art.*

Atiraram nos relógios para parar o dia

O tempo que se acelera a si mesmo, isto é, a nossa própria história, abrevia os campos da experiência, rouba-lhes sua continuidade, pondo repetidamente em cena mais material desconhecido, de modo que mesmo o presente, frente à complexidade desse conteúdo desconhecido, escapa em direção ao não experimentável.¹

Lara Ovídio. Sem título #9 - série Territórios Percíveis, 2014
Pigmento mineral sobre algodão

O presente se enche de novidades até transbordar.² O que é isso do presente que transborda? O que não é possível se dar conta ou justamente o que é possível perceber? O que se perde? O que se faz passado? O presente que não pode ser mais experimentado, mas ainda pode ser conhecido, desde que se faça passado. Talvez por isso tantos livros, talvez por isso a proliferação de possibilidades de *timelines*. Talvez por isso os arquivos, os memoriais, os monumentos. Sinto falta de um plural para *presente* que não o transforme em coisa, que possa abarcar a infinidade de presentes que se sobrepõem, se cruzam, se atropelam, se percebem e se perdem.

Aqueles que ainda no século 19 atiraram nos relógios para parar o dia³ haverão ou não logrado seu intento? Um verdadeiro ato poético.⁴ Um verdadeiro ato mágico.

O tempo todo acontece qualquer coisa que eu não vejo. Isso se assemelha muito à minha noção de presente.

16.11.2016

Hoje eu descobri que, todas as vezes que usei a citação de Koselleck⁵ falando sobre o tempo que se acelera a si mesmo, o fiz de maneira equivocada. Voltando ao texto, quatro anos depois, entendi que ele se referia ao momento histórico que antecedia à Revolução Francesa enquanto eu me referia à minha própria experiência de tempo, nisso que arrisco chamar de contemporaneidade.

Senti um pouco de graça e um pouco de vergonha. Graça pelo tropeço e vergonha por me confundir na fala. Graça de descobrir que não sou tão precisa quanto imagino ser.

Agora, no entanto, estou pensando se esses tempos que atravessam história e indivíduo se

separam de fato, de alguma forma. Sinto como se minha própria vida tivesse sido acelerada pela quantidade de acontecimentos políticos do país: vai ter *impeachment*, não vai, vai, não vai, ligações “vazadas”, delações, prisões, prisões, prisões, Temer cai, não cai, Temer cai, não cai. Infelizmente, não cai. Aparentemente, meu dia a dia não interfere em nada no cotidiano político do país, mas o contrário não é verdade.

Fico na dúvida se distorci completamente Koselleck ou se lhe dei um pouco de ar. Talvez, as reverberações na minha história tenham me permitido entender mais concretamente esse movimento de aceleração que se iniciou no século 18 e já não deixou de ser, nem de fazer sentido.⁶

O novo

Custa-me entender que o tempo nem sempre foi um agente de mudanças, nem sempre teve uma direção, nem sempre correu. O novo nem sempre existiu assim, como um elemento que chega e pode mudar tudo, sobretudo as expectativas para o futuro.⁷

////////////////////ou os planos para sábado à noite.

Talvez na história isso faça realmente sentido. Já para a física, o tempo obedece a uma seta que tem uma direção determinada: aponta para a frente, aponta para o futuro. A desordem aumenta, e o universo se expande na mesma direção em que sentimos o tempo passar. Por isso não é possível, diante de um copo em cima da mesa, lembrar-se dele quebrado dali a dois dias.⁸

O que será que John Cage queria dizer com: “a rigor nada a dizer sobre ritmo, porque não há tempo”⁹? – essa é uma dessas coisas que eu não consigo imaginar.

Escatologias e etc.

Quando eu era pequena, eu morria de medo que o mundo acabasse. Quando falei isso para a minha tia, ela respondeu: “Menina, deixe de ser besta! O mundo acaba pra quem morre”. Eu era como uma criança da Idade Média habitando a contemporaneidade.

Destruí-se o apocalipse católico, só para ele poder voltar recauchutado alguns séculos depois como apocalipse humano. Mudaram os protagonistas e o roteiro. O roteiro, aliás, nem tanto assim. Lentamente, os elementos fantásticos que protagonizavam essa narrativa – como o juízo final, meteoros, dragões – foram sendo substituídos por catástrofes em curso: o efeito estufa, os buracos na camada de ozônio, o fim das reservas potáveis de água, a crescente poluição química.

~~O Brasil não é mais o país do futuro, porque, a rigor, não existe mais futuro.~~

O novo não para de nos afogar, mas o futuro já foi conhecido. O novo não para de nos sufocar, mas o futuro já foi conhecido. O novo não para de nos *refogar*, mas o futuro já foi conhecido.

São mil milhões de novidades, mas nenhuma vem redimir o futuro.¹⁰

Ficção e realidade se misturam. Ficção e realidade são uma mesma coisa. O futuro é narrado no tempo presente. O presente – esse tempo em que é possível fazer coisas – é por onde começamos a destruir o futuro.

Mas o futuro já foi conhecido.

Finais de agosto de 2016

Um humano capaz de imaginar a vivência temporal de um milhão de anos.

Nenhum. Categoricamente, nenhum.

Esquecemos o que é grande demais; ou nunca chegamos a entendê-lo.

Me encanta, entretanto, quem insiste, infinitamente, em tentá-lo.

Primeiros dias de setembro de 2016

Entrego-me ao tédio como uma espécie de minúscula subversão à brevidade dos dias.

Ainda não é suficiente.

Uma proposição para morrer de tédio 1

Um dia, pedi ajuda a uma amiga para inventariar todas as coisas que eu tinha no México. Era agosto e já havia passado metade do tempo que eu ficaria naquele país. Separamos tudo, empacotamos e listamos. Resultou nessa imagem e numa lista enorme de coisas que só tinham valor para mim. Levamos dois dias para terminar de realizar essa proposição. Não lembro sobre o que conversamos durante o processo.

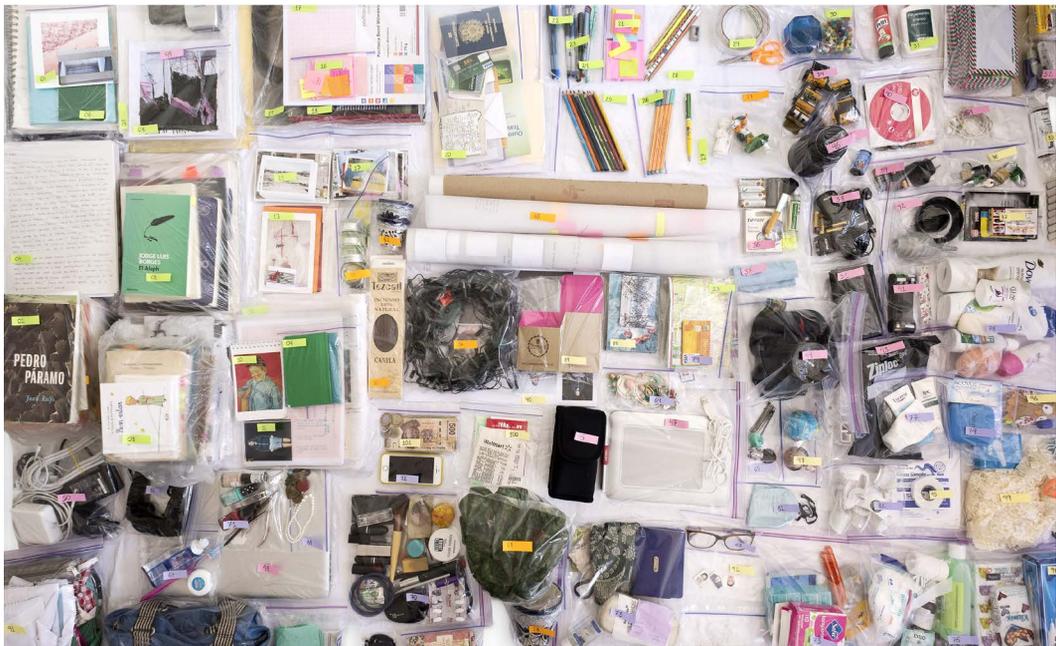
“O tédio é o pássaro onírico que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta.”¹¹ O tédio seria como o momento em que o sonho e a possibilidade se tocam. Ou o momento em que o devaneio gesta a experiência.

O tédio é o descanso e a invenção da novidade.

Um sussurro, contudo, não o assusta; nem mesmo um grito o assusta.

O tédio é qualquer coisa que parece ir embora, mas está sempre ao lado, Benjamin.

Maurício Lissovsky¹² criou uma espera hipotética em uma estação: Heidegger e Benjamin aguardam a chegada do trem ao longo de quatro horas, sem jamais se cruzarem. Enquanto Benjamin permanece quieto e tenta acolher o tédio inerente à espera, Heidegger tenta espantá-lo, mas o tédio insiste em não o abandonar. Tenta ler e não consegue, tenta



Lara Ovidio. Sem título #14 - série Territórios Percíveis, 2014. Pigmento mineral sobre algodão, dimensões variáveis

pensar e é impossível. Resta-lhe andar de um lado para outro, contar as árvores da rua e fazer rabiscos na areia. O tempo se excede em presença.

O tédio pode ser o tempo que não escapou em direção ao não experimentável, ou o tempo experimentado em toda sua potência, do qual não se pode fugir, mas contra o qual reagimos combativamente. Formas de passar o tempo. Formas de matar o tempo. Por isso me fascina a imagem daquelas duas pessoas presas em uma cabine de vidro lendo um milhão de anos.¹³ Contrapõe-se a um desejo permanente de distração.

Para Pauline Kael,¹⁴ os filmes de Andy Warhol que abordavam um cotidiano em que nada acontecia apenas “matavam tempo no caminho para a cova”.

O curso de um dia

Ações para ver o tempo, ações para esquecer o tempo.¹⁵ Enquanto eu fazia os pequenos experimentos que registraria com o uso da fotografia,

em Territórios Percíveis,¹⁶ acreditava que essas duas proposições eram coisas distintas. Cada vez menos consigo ver essa separação.

Tem dois anos e dois dias¹⁷ que eu fiz uma coleta de águas com o propósito de não perder um dia específico emaranhado entre tantos outros. Tentei criar provas para mim de que aquele 17 de novembro de 2014 realmente existira, hora por hora, minuto por minuto, transformado em materialidade. Ou que eu mesma existira naquele quando, passando. Em algum momento do dia, em que eu já levava algumas horas cumprindo a proposição, a proposta de coleta deixou de ser alguma coisa que aconteceria em função do movimento natural do dia e passou a determinar o próprio dia. Ao sair de casa, eu precisaria levar instrumentos suficientes para realizar a coleta e a anotação. O jogo: ver o tempo – suas regras; esquecer o tempo – a diversão de cumpri-las.

Assim, as proposições deslocaram o meu trabalho da imagem para a prática, do resultado para o

processo. Criar regras era criar um jogo que me levaria a distintas experiências de tempo que eu não poderia prever *a priori*. O que não se imagina da experiência é o que anima a realização da ação.

“4’33””

“Happenings introduziram na arte um elemento que ninguém havia colocado lá: o tédio. Fazer coisas para entediar pessoas é algo que eu nunca tinha imaginado.”¹⁸

Assim imagino a primeira vez que “4’33”” de John Cage foi interpretada: um pianista entra no palco de uma sala de espetáculos enorme, abre o piano e espera. As pessoas perguntam umas às outras o que estaria acontecendo, talvez falem baixo para não interferir na preparação do músico, talvez se inquietem em suas cadeiras, talvez se abanem. Dessa forma, Cage fez com que tudo aquilo que não estivesse na partitura fosse o assunto principal.

A espera permite ao tédio manifestar-se. A expectativa é o que demora a espera.

A espera é, de certa forma, o lado interior forrado do tédio. (Hebel: “O tédio espera pela morte”.)¹⁹

A obsessão é a performance

De 998.031 a.C até 1969 d.C.

*One Million Years [Past]: for all those who have lived and died*²⁰

De 1996 d.C. até 1.001.995 d.C.

*One Million Years [Future]: for the last one*²⁰¹

Dar nome às coisas. São necessários 20 fichários para comportar o nome de cada um dos dois milhões de anos. Os anos quando escritos ganham corpo. Os escritos quando colecionados ganham peso. Tornam-se anos que ocupam lugar no espaço. O corpo largo e pesado da obra se contrapõe ao seu título conciso. O todo-livro intensificou as partes-anos.



On Kawara. *Leitura de One Million Years*. Trafalgar Square, 2004

Contar um milhão de anos tem sua própria demora e nada tem a ver com essa fala que dura menos de 1"56: "um milhão de anos".

Cada vez que a leitura dos fichários de *One million years* de On Kawara acontece, as duas pessoas que estão dentro da cabine pensam que vão morrer. O tédio é desesperador, às vezes, mas tem quase sempre uma coisa de fascínio também.

O *performer* e o espectador se encontram nessa experiência em que o tempo passa arrastado, em que o tempo resiste a passar.

Acredita-se que serão necessários 2.700 CDs para completar a gravação da leitura do trabalho do passado ao futuro, de forma que, se 27 discos fossem produzidos por ano, seriam necessários 100 anos para se concluir a gravação das leituras.

Um cálculo que parece inútil, mas não é. Um cálculo que é inútil, mas não parece.

Notas sobre One million years, On Kawara:

A contagem como convite ao tédio.

A contagem como combate ao tédio.

O convite e o combate entrelaçados na mesma experiência.²²

A performance é a leitura dos anos.

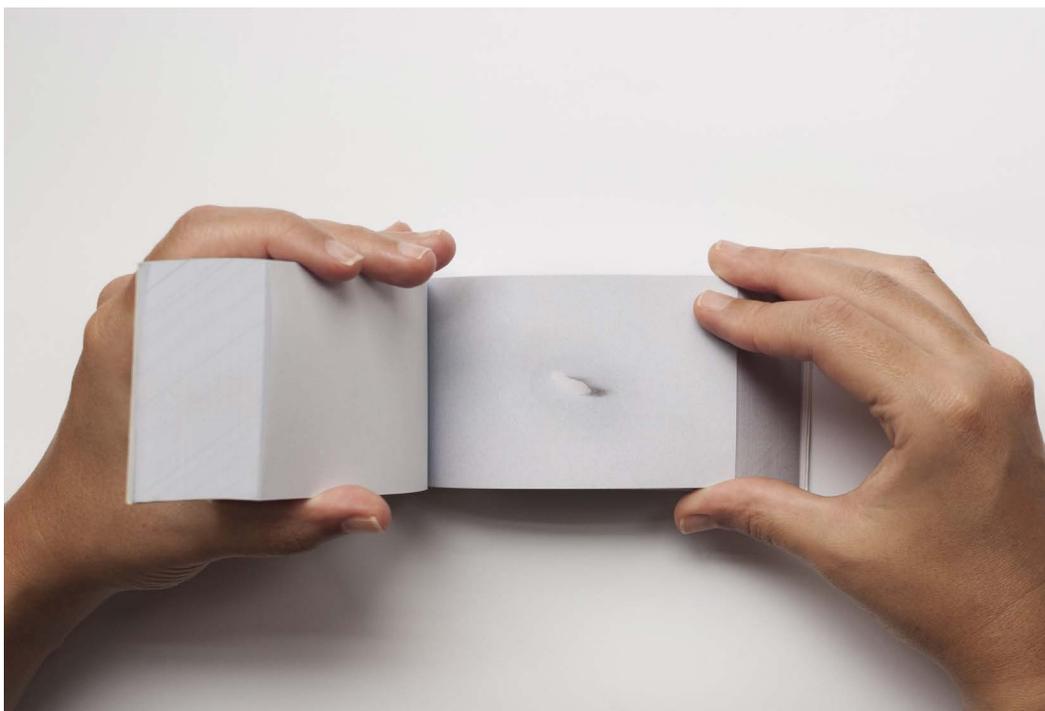
A performance é a contagem de um milhão de anos.

A obsessão é a performance – todo o trabalho de On Kawara tem um elemento performativo que se esconde na proposição que antecede os objetos. "Sua obra se identifica menos com um corpo de objetos que com uma prática."²³

Uma proposição para morrer de tédio 2

2.14 Adiante 2

Por que nos lembramos do passado e não do futuro? Pergunta que quase ninguém faz.



Venta de piel de lobos marinos de un solo pelo, contagem,²⁴ livro-objeto, 10x7x4cm, 2016

Nota sobre o mês de agosto

Passei boa parte do mês de agosto embrenhada no interior do Rio Grande do Norte.

um
ir e vir
ir e vir
ir e vir
sem fim

Os deslocamentos duravam entre duas e quatro horas. A estrada é um lugar de espera e da expectativa por excelência, eu já sabia, mas naquela ocasião pude lembrar. Acho engraçado lembrar de coisas que nunca imaginei que fosse esquecer.

Como é difícil distrair-se no meio de toda aquela vastidão. Meu corpo me chamava de volta para a realidade: o suor, o calor, a demora. Adentrar essa terra em que nada acontece pedia-me um outro ritmo, aquele de quem já cansou de esperar e, por isso, se demora junto com o tempo onde ele ainda demora a passar.

Lembrar-se de si

“O caráter fugidivo e absurdo da vida”²⁵ se junta “à tristeza resultante dessa percepção”²⁶ na palavra *Trauerspiel*: “*Trauer*, luto e *Spiel*, jogo, espetáculo, folguedo”.²⁷ Sinto uma espécie de espanto melancólico cada vez que lembro da minha própria finitude.

Em uma única palavra é possível falar do acontecimento e de sua percepção, como se ela abarcasse dois tempos distintos ligados pela relação de causa e efeito. Sinto falta de uma correspondência em português que conserve essa potência. Drama barroco diz muito pouco para mim.

“A experiência de prolongamento do tempo [pelo tédio] se torna uma forma peculiar de desaparecimento de sua inerente falta, seu limite constitutivo:

nomeado morte. De fato, é um tipo de repúdio ou de desejo de afastamento da morte.”²⁸

Esse é o meu fascínio.

Adiante 1

Adiante. Adiante. Adiante.

O único sentido possível.

Adiante. Adiante. Adiante.

O sentido fez-se ritmo.

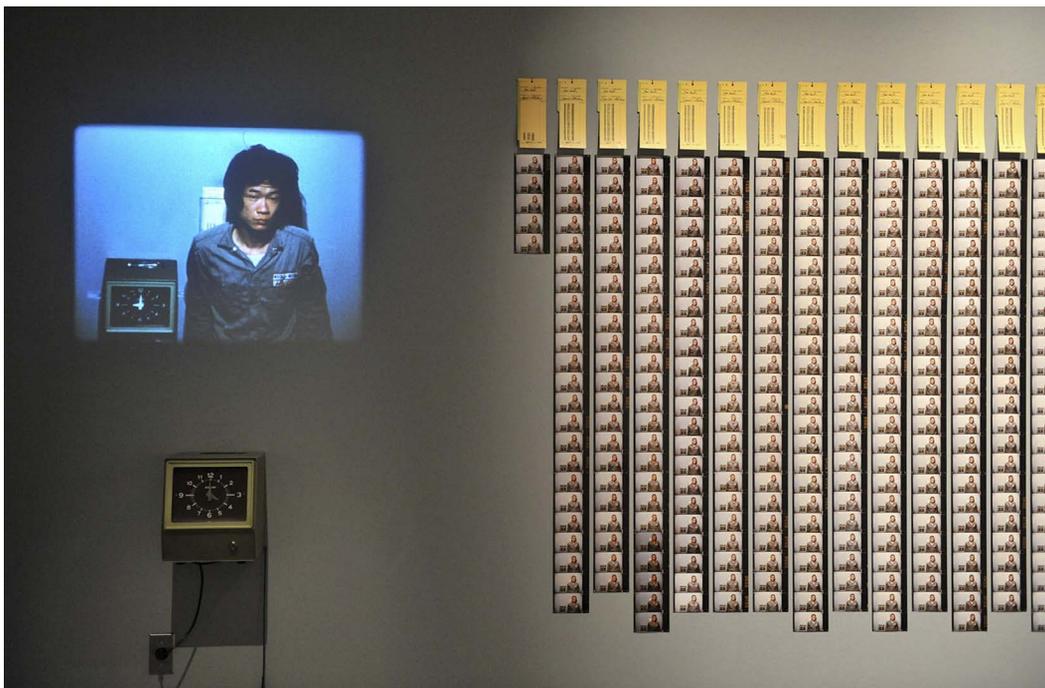
22.9.2016

É primavera e os mosquitos tomam conta da cozinha, se concentram na pia e, quando me aproximo, levantam voo. As formigas também começam a traçar outra vez os mesmos caminhos esquecidos no outono. Não são as mesmas formigas. Não é a mesma primavera, mas os caminhos se repetem. Pensei, por um segundo, se não seriam esses caminhos que chamavam o sol para perto. Sei que não, mas gosto de pensar essas coisas enquanto limpo tudo, tentando despistar mosquitos e formigas.

Esperar é a vida

“Esperar é a vida.”²⁹ Disso entendem bem os que contam dias na prisão ou no exílio. Teching Shieh, em *One year performance 1980-1981*, *Time Clock Piece*,³⁰ enquanto contava as horas de um ano de vida, levava ao extremo a noção de espera, mostrando os intervalos de tempo mais curtos em que ela se manifesta: os segundos, os minutos e as horas.

Um trabalho que se baseia na repetição: de um gesto, das horas, dos dias e dos anos. Todas as horas têm a mesma aparência quando vistas por um cartão de ponto e, no entanto, não têm. Todas as horas são iguais e não são. A produtividade, o trabalho e as máquinas desejam dias repetitivos.



Tching Hsieh, One year performance 1980-1981, Time Clock Piece, instalation view in Liverpool Biennial, 2010

Mas aí mora também a possibilidade de subversão: “a prática da repetição literal pode ser entendida como o início de uma ruptura na continuidade da vida porque cria, por meio da arte, um excesso de tempo não histórico”.³¹ Groys explica que o tempo que está em vias de se perder, por seu caráter improdutivo, é acolhido pelas artes com base no tempo, é documentado. Dois entendimentos antagônicos convivem na imagem dos cartões de ponto e fotografias colecionadas ao longo de um ano: o tempo histórico esvaziado e homogêneo; e o tempo excedente reincorporado à narrativa histórica.

Um trabalho que se baseia na espera. O tempo em que nada acontece, coincide com o tempo em que se espera que algo possa acontecer.

Em 2017 os trabalhos de Tching Shieh foram expostos juntos e sob um mesmo título: *Doing*

Time,³² em português *Cumprindo a pena*. Na tradução imprecisa – *Fazendo tempo* – encontro, porém, um enunciado utópico que para mim parece se aproximar mais da potência subversiva do trabalho.

Camaradas do tempo³³ cada vez que permitem ao tempo manifestar-se como excesso e cada vez que acolhem esse mesmo excedente que permitiram revelar-se.

Do oco dos dias

O que habita o cotidiano: tudo que se esquece de ver.

“Para entender o significado de *nouveauté*, é preciso retornar à novidade na vida cotidiana. Por que todo mundo comunica as últimas novidades aos outros? Provavelmente para triunfar

sobre os mortos. Isto apenas quando não há realmente nada de novo.”³⁴

A fala dos dias: uma sequência de acontecimentos ruidosos. A ideia de continuação é o que permite a expectativa. A espera acredita nessa ideia. A continuação como propósito da própria continuação. O cotidiano é como uma somatória de nada, que preenche a espera da morte.

*Natureza e técnica, primitividade e conforto unificam-se aqui completamente, e, aos olhos das pessoas fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem a finalidade da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência redentora que em cada dificuldade se basta a si mesma, do modo mais simples e ao mesmo tempo mais cômodo, na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão.*³⁵

Dito de outro modo: “os dias se estendem como uma sucessão de meios, onde a finalidade há muito se perdeu”.³⁶

A pergunta pareceu-me por muito tempo a mesma: para onde vão os dias depois que os vivemos? Mas essa pergunta só vem preencher a espera.

Um mapa de possibilidades para o presente

Para Koselleck,³⁷ o tempo histórico se acelera a si mesmo. O combustível: a novidade. A vivência individual também foi acelerada, também foi abarrotada de novidades. Passado e futuro já se relacionam de maneira descontínua, desde o século 18. Para transformar a falta de tempo em excesso, Peter Osborne³⁸ investiga o tédio nas artes com base no tempo. Eu me somo a ele e

investigo junto. Ações para ver o tempo, ações para esquecer do tempo. Às vezes, é tão difícil se aproximar do tédio nos tempos de excessos e ruído. Outras vezes, parece que nada pode ser feito para afugentá-lo. Oscilo. Penso sobre a contagem de um milhão de anos proposta por On Kawara e sobre a espera promovida por John Cage em “4’33””. Encontro pistas de como me adentrar num tempo da demora. Experimento uma e outra vez proposições para morrer de tédio, como quem deseja subverter a aceleração dos tempos que habita. Para Benjamin,³⁹ o tempo da vivência individual se faz sentir no cotidiano. Os dias são ocos e se repetem. Mundanamente: acordo, como, escrevo, escrevo, escrevo, tomo banho, faço comida, almoço, tenho vontade de comprar um doce para tomar com um café, compro o doce, tomo com café, escrevo, escrevo, escrevo, falo qualquer coisa com qualquer pessoa, escrevo, escrevo, escrevo e vou dormir. O sentido é para frente. O sentido é nenhum. Groys comenta a possibilidade de acolher o tempo desperdiçado como resistência ao tempo do produto e da produtividade. Tching Shieh repete, desperdiça e espera: a falta outra vez se revela em excesso.

NOTAS

1 Koselleck, Reinhart. *Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006:35.

2 Menção à noção moderna de que o tempo “nos foi e nos está sendo roubado por um permanente impulso do novo”. Que nos coloca em um movimento constante, “em um sempre indo”. Ver Sanz, Cláudia Linhares. Das profecias de fim aos prognósticos contemporâneos: breve análise a partir das teses de Reinhart Koselleck. In: *Il Coneco*, Rio de Janeiro, 2007:3.

- 3** Referência à Revolução de julho de 1830 em Paris. Ver Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios escolhidos sobre literatura e história da cultura*. v.1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012:213, 250.
- 4** Referência aos atos poéticos de Jodorowsky. Ver Jodorowski, Alejandro. *Psicomagia*. Madrid: Ediciones Siruela, 2004:15.
- 5** Kosselleck, op.cit.:35.
- 6** Menção à questão levantada por Koselleck de que o tempo histórico “está associado à ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações, a suas instituições e organizações”, razão pela qual o tempo é formado por uma quantidade de tempos que se sobrepõem e se cruzam. Ver Koselleck, op. cit.:14. Resgato também aqui a noção de cronista de Benjamin, aquele que “narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. Ver Benjamin, 2012, op. cit.:242.
- 7** Menção à proposição de Koselleck de que historicamente o tempo é vivido de acordo com determinadas ideias de passado e de futuro, o que só é possível porque o entendimento do tempo é alguma coisa que se constrói. Quando a imagem do futuro coincidia com o apocalipse, as mudanças eram tão lentas, que o futuro era pensado quase como um retorno ao passado; o que estava por se conhecer não era mais do que o que se conhecia: “a ruptura entre o espaço vivido e o imaginado como futuro não chegava a interromper o ciclo de repetições transmitido de uma geração a outra”. Ver Sanz, op. cit.:8.
- 8** Hawking, Stephen. *Uma breve história do tempo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015:181.
- 9** Cage, John. *De segunda a um ano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013:121.
- 10** Referência ao caráter assertivo das narrativas contemporâneas que antecipam futuros catastróficos, reiterados pela confiabilidade atribuída às previsões feitas a partir de equipamentos tecnológicos. Ver Sanz, op. cit.:16.
- 11** Benjamin, 2012, op. cit.:221.
- 12** Informação verbal apresentada na palestra “Aquele que espera: Walter Benjamin e a fotografia” durante o Seminário internacional Biblioteca Walter Benjamin, realizado no Museu de Arte do Rio, em 8.7.2016.
- 13** Cf. A obsessão é a performance.
- 14** Kaels, apud Osborne, Peter. *Anywhere or not at all: philosophy of contemporary art*. London/New York: Verso, 2013:181, tradução minha.
- 15** Menção à segunda forma de tédio listada por Heidegger em *Conceitos fundamentais da metafísica*. Ver Osborne, op. cit.:181, que o cita: “A ideia de que nossa relação imediata com o tédio é negativa e de que ele se manifesta ordinariamente na vida cotidiana e só o percebemos por meio das tentativas de ‘passar o tempo’. Já que o tédio é um alargamento do tempo, mandaríamos o tédio embora mandando o próprio tempo embora (...).O tédio sempre se mostra de uma forma tal, que imediatamente nos colocamos contra ele.” Nessa e nas demais citações em idiomas estrangeiros, a tradução é minha.
- 16** Série de fotografias em desenvolvimento, iniciada em 2014, que aborda a passagem do tempo no cotidiano.
- 17** Em referência ao dia da escrita, 19/11/2016.
- 18** Duchamp, apud Osborne, op. cit.:179.
- 19** Benjamin, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006:158.
- 20** Título do trabalho de On Kawara: Um milhão de anos [Passado]: para todos aqueles que viveram e morreram.

21 Título do trabalho de On Kawara: Um milhão de anos [Futuro]: para o último dos vivos.

22 Menção a Benjamin: “Em vez de passar (*vertreiben*) o tempo, é preciso convidá-lo (*einladen*) para entrar. Passar o tempo ou matar, expulsar (*austreiben*) o tempo: o jogador. O tempo jorra-lhe dos poros. Carregar-se (*laden*) de tempo como uma bateria armazena (*lädt*) energia: o flâneur. Finalmente o terceiro tipo: aquele que espera. Ele carrega-se (*lädt*) de tempo e o devolve sob uma outra forma – aquela da espera.” Ver Benjamin, 2006, op.cit.:148.

23 Weiss, Jeffrey. *On Kawara: Silence*. New York: Solomon R./Guggenheim Museum, 2015:27.

24 O livro resulta da proposição de contar quantos grãos de arroz cozidos cabem numa colher de arroz, fotografando-os um a um.

25 Rouanet, Sérgio Paulo. Introdução. In: Benjamin, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984:18.

26 Rouanet, op. cit.:18.

27 Rouanet, op. cit.:18.

28 Osborne, op. cit.:183.

29 Hugo, 1863 apud Benjamin, 2006, op. cit.:140.

30 Menção à performance em que o artista se propõe a “bater o ponto” a cada hora durante um ano num relógio instalado em seu estúdio e realizar uma fotografia em um frame de um filme de 16mm.

31 Groys, Boris. Camaradas do tempo. *Caderno Sesc-Videobrasil*, São Paulo, n. 6, 2010:124.

32 Menção ao Título do Pavilhão de Taiwan na Bienal de Veneza – *Doing Time* – que reúne os trabalhos de Tching Shieh dos anos 1970 a 1980.

33 Menção à proposição de Boris Groys de que o termo contemporâneo, nas artes, pode ser

pensado como “camarada do tempo”, como “um colaborador do tempo que ajuda o tempo quando ele tem problemas, quando ele tem dificuldades. (...) E sob as condições de nossa civilização contemporânea focada em produtos, o tempo de fato tem problemas quando concebido como improdutivo, desperdiçado, sem sentido”. Ver Groys, op. cit.:124.

34 Benjamin, 2006, op. cit.:148.

35 Benjamin, 2012, op. cit.:128.

36 Maria Rita Kehl, informação verbal fornecida na palestra “Walter Benjamin e as cidades: Berlim, Moscou, Paris” durante o Seminário Internacional Biblioteca Walter Benjamin realizado no Museu de Arte do Rio, em 8.7.2016.

37 Koselleck, op. cit.

38 Osborne, op. cit.

39 Benjamin, 2012, op. cit.

Lara Ovídio é artista, bacharel em audiovisual pela Universidade de Brasília e mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ. Este texto é parte de sua dissertação de mestrado, 657 experimentos para um presente sem futuro, orientada pelo Prof. Dr. Guto Nóbrega.